

# A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Denise Pereira  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

**Denise Pereira**  
(Organizadora)

# A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T772 A transversalidade da prática do profissional de história [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A transversalidade da Prática do Profissional de História; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-282-1

DOI 10.22533/at.ed.821192504

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Professores de história – Formação I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 907

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A transversalidade da Prática do Profissional de História

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História vem se consolidando enquanto campo de pesquisa, principalmente a partir da década de 1980, e as linhas de pesquisa, mormente, estão ligadas às metodologias de ensino, ao livro didático ou, ainda, às políticas públicas de inserção desses temas no currículo escolar. Neste modo, falar de transversalidade na prática do profissional de História, é observar a ligação aproximada da escola da realidade vivida pelos alunos, ou seja, trazer as disciplinas, os professores, os conteúdos escolares e aproximá-los do mundo do estudante. Dessa maneira, os alunos teriam uma aprendizagem significativa e seriam vistos com sujeitos históricos.

Os temas transversais são abordados recorrentemente a partir da proposta do trabalho interdisciplinar. O fato recorrente nessas abordagens interdisciplinares é que cada disciplina/campo se preocupa com seu recorte específico sobre o tema, o que acaba fragmentando-o ainda mais.

A aplicação dos temas transversais acontece a partir da renovação nos métodos, conceitos e didáticas no campo da pesquisa em História. Neste e-book temos a compreensão da realidade e a afetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a campo do historiador a passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e reconhecimento, onde por intermédio das diversas outras áreas de pesquisa se concretize como construtor de sua própria história.

Aqui diversos pesquisados do campo da História, trabalharam com a proposta de temas transversais em várias áreas baseadas em eixos temáticos, tais como: cultura, religião, educação, arte, cinema, gênero, entre muitos outros.

Boa leitura.  
Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A DRAMATURGIA COMO FONTE PARA HISTÓRIA DA ILUMINAÇÃO CÊNICA, QUESTÕES DE ABORDAGEM PARA UMA PESQUISA EM ANDAMENTO	
<a href="#">Berilo Luigi Deiró Nosella</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARTÍSTICA (EPA) COMO COMPONENTE CURRICULAR DAS ESCOLAS ESTADUAIS DA BAHIA: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO DOUTOR JUCA SENTO-SÉ	
<a href="#">Angla Pereira dos Santos Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>14</b>
A ESCOLARIZAÇÃO EM ITABORAÍ-RJ NO PERÍODO IMPERIAL (1840-1888)	
<a href="#">Regina Coeli Alcantara Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>24</b>
A FORMAÇÃO DE MÉDICOS NEGROS NAS ESCOLAS MÉDICAS BRASILEIRAS	
<a href="#">Helber Renato Feydit de Medeiros</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925045</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>31</b>
A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO BENEDITO	
<a href="#">Marília Villanova Rodriguês</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>38</b>
A LINHA DURA NACIONALISTA E A “NASSERIZAÇÃO FRUSTRADA” DO REGIME MILITAR BRASILEIRO	
<a href="#">Guillaume Azevedo Marques de Saes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925046</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>46</b>
A LITERATURA E O CORPO CONTRA O CASTRISMO: O RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE REINALDO ARENAS (1943-1990)	
<a href="#">Bruna Alves Carvalho Mendes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>54</b>
A NAÇÃO NO BRASIL E NA COLÔMBIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ESPORTE <sup>1</sup>	
<a href="#">Eduardo de Souza Gomes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>65</b>
A POLÍTICA INVADE O VERSO: REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE 1848 NA POESIA DE BAUDELAIRE	
<a href="#">Marcos Antonio de Menezes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925049</b>	

<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>76</b>
CONSERVADORISMO E PERSPECTIVA VARNHAGENIANA: ANÁLISE DE UM CONCEITO	
<a href="#">Ingrid Silva Lucas</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>85</b>
DA IGREJA AO CAMPO SANTO: O NASCIMENTO DOS CEMITÉRIOS E O MONOPÓLIO DA MORTE NO BRASIL DO SÉCULO XIX	
<a href="#">Leonardo Oliveira Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>99</b>
DEMOCRACIA E AUTORITARISMO: Trajetória Política De Eduardo Gomes Em Contextos De Transições	
<a href="#">Flavia Salles Ferro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>105</b>
DO SUBVERSIVO AO TRAFICANTE: O PAPEL DA GUERRA ÀS DROGAS NA CONSTRUÇÃO DO “INIMIGO INTERNO” NO BRASIL	
<a href="#">Luiz Henrique Santos Brandão</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>120</b>
ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO FILME: DIÁCONOS PELA DEFESA E JUSTIÇA E A CONSTRUÇÃO DO SABER DISCENTE	
<a href="#">Samara Letycia Moura Borges</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>127</b>
ENTRE O DISFORME E O MONSTRO: O CORPO ESPETÁCULO	
<a href="#">Juçara de Souza Nassau</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>137</b>
FUNÇÃO POLÍTICA DA MEMÓRIA E AFIRMAÇÃO INSTITUCIONAL	
<a href="#">Lindsay Borges</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>153</b>
GÊNERO E DISCURSO NO CURDISTÃO SÍRIO: NOTAS DE PESQUISA	
<a href="#">Maria Raphaela Campello</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>166</b>
GESTÃO DOS SENTIMENTOS POLÍTICOS: UMA ANÁLISE DO <i>FRONT NATIONAL</i> COM MARINE LE PEN	
<a href="#">Makchwell Coimbra Narcizo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250418</b>	

<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>179</b>
HISTÓRIA E SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIPTOGRAFIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INTEGRADA	
Rogério Chaves da Silva	
George Mendes Marra	
Delson Ferreira	
Geovane Reges de Jesus Campos	
Amivaldo Batista dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>195</b>
HISTÓRIA, IMPRENSA E PODER: FOLHA DE S. PAULO E O GLOBO COMO ATORES POLÍTICOS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1994 E 1998	
Fabrício Ferreira de Medeiros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>209</b>
INFINITAS MARIAS Conhecendo as Marias desde 1950 PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO	
Ronía Batista Vaz Otoni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>217</b>
JORNALISMO LITERÁRIO E PÓS-MEMÓRIA NA ÁFRICA COLONIAL PORTUGUESA DO SÉCULO XX: O CASO DOS LIVROS-REPORTAGEM SOBRE RETORNADOS	
Flávia Arruda Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250422</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>226</b>

## FUNÇÃO POLÍTICA DA MEMÓRIA E AFIRMAÇÃO INSTITUCIONAL

**Lindsay Borges**

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de  
Informação e Comunicação  
Goiânia - GO

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo examinar os discursos de dois grupos que se manifestaram durante as comemorações do centenário de nascimento de Dom Fernando Gomes dos Santos, primeiro arcebispo de Goiânia, ocorridas em 2010. O propósito é assinalar como na ocasião se configurou uma disputa de memória entre dois modelos de Igreja. A partir dos distintos discursos proferidos durante as cerimônias de homenagem e tomando a linguagem como expressão das relações sociais e institucionais, ressaltaremos um esforço de atualização da memória, operada por meio de um processo de seleção, concedendo novo sentido à trajetória do arcebispo no presente. Enquanto um grupo buscava perpetuar o que denominava como “memória viva” do prelado, o outro visava enquadrá-la em novos moldes, mais adequados à nova trajetória eclesial em curso.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso, memória, imprensa religiosa.

**ABSTRACT:** The present study aims to examine the discourses of two groups that emerged

during the birth centenary celebrations of Dom Fernando Gomes dos Santos, first Archbishop of Goiânia, which took place in 2010. The purpose is to point out how in the occasion a memory dispute occurred between two models of the Church. From the distinct speeches given during the homage-paying ceremonies and considering the language as an expression of social and institutional relations, we will emphasize on the effort to update the memory, operated through a selection process, giving new meaning to the archbishop’s trajectory in the present. While one group sought to perpetuate what they called the “living memory” of the prelate, the other group aimed to frame it in new molds, more suited to the new ongoing ecclesial trajectory.

**KEYWORDS:** discourse, memory, religious press.

### 1 | INTRODUÇÃO

As comemorações do centenário de nascimento de Dom Fernando Gomes dos Santos, primeiro arcebispo de Goiânia (1957-1985), celebradas em 2010, deram espaço a uma disputa de memória revelada pelos discursos de dois grupos que se manifestaram durante as diversas cerimônias e por meio de periódicos religiosos. De um lado, o grupo de ex-auxiliares de Dom Fernando e de outro o

novo grupo então à frente da Arquidiocese. Para examinar essa efeméride é fulcral sintetizar a trajetória desse arcebispo em Goiânia.

Dom Fernando chegou a Goiânia em 1957 e durante seu arcebispado tornou a Arquidiocese uma referência para a Igreja no Brasil. O prelado, que teve participação importante na criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952, deu projeção à Igreja de Goiânia, tornando-a conhecida e respeitada no Brasil e no exterior. Dentre suas expressivas iniciativas, ampliou a dimensão de projetos já existentes, com a efetivação da Ação Católica e implantação do Movimento de Educação de Base (MEB), em Goiânia. Apoiou o surgimento da Comissão Pastoral da Terra (CPT), do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Durante o governo militar, o arcebispo tomou várias iniciativas em defesa de religiosos e leigos perseguidos pelo regime.

A capacidade de Dom Fernando em dar respostas aos desafios interpostos à Igreja, aglutinou em torno do arcebispo um grupo de religiosos e leigos que apoiava o modelo de Igreja proposto por ele. Mesmo após a morte do arcebispo, em 1985, o grupo reiterou sua identidade em torno da memória do prelado e de seu projeto pastoral; memória que se tornou o elemento mediador que possibilitava às pessoas se reconhecerem como grupo. A equipe que antes auxiliava Dom Fernando, agora se apropriava de sua memória tendo em vista legitimar a continuidade do projeto pastoral iniciado por ele, evitando que outro modelo de Igreja fosse implantado na Arquidiocese.

Durante o governo de seu sucessor, Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, arcebispo de Goiânia entre 1986 e 2002, foi possível a gestão dessa memória no sentido de que ela se perpetuasse e fosse transmitida às novas gerações. Nos grandes eventos da Arquidiocese, como os aniversários de morte de Dom Fernando, essa memória era valorizada, sobretudo na força dos testemunhos. No entanto, o arcebispo que assumiu em 2002, Dom Washington Cruz, se orientava por uma visão de Igreja distinta da proposta por seus antecessores, não reforçando paradigmas do modelo de engajamento anterior. Como membro da Congregação Passionista – organização precipuamente contemplativa, que une oração e ação junto aos pobres e marginalizados – o novo arcebispo foi escolhido pelo Papa João Paulo II (1978-2005), que desde os anos 1980 vinha promovendo mudanças na orientação da Igreja na América Latina, destacando-se sua oposição à participação de padres e bispos na política (DUFFY, 1998)

Desde sua posse, Dom Washington apontou novos rumos para a Arquidiocese, promovendo uma ruptura com o grupo e o modelo de Igreja que prevalecia desde o período de Dom Fernando. A medida mais visível dessa ruptura foi a destituição dos membros da direção da Universidade Católica de Goiás (UCG), hoje Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO), e da Sociedade Goiana de Cultura (SGC), entidades estratégicas da Arquidiocese. Configurou-se, dessa forma, uma disputa por espaço político no âmbito da Arquidiocese, em que um grupo visava a continuidade do projeto anterior e o outro traçava novas perspectivas para a Arquidiocese, acreditando que isso só seria possível mediante o afastamento da equipe anterior.

Nesse cenário de mudanças ocorreram as comemorações do centenário de nascimento de Dom Fernando, configurando um momento de redefinição do sentido da memória do arcebispo. Em todo esse processo de embate, os dois grupos se apropriaram da memória do prelado e apresentaram projetos distintos para as comemorações, buscando definir o que deveria ser lembrado e o que deveria ser esquecido.

Sob essa concepção, segundo Hervieu-Leger (2005), até mesmo a Igreja, como sociedade tradicional, reflete os problemas das sociedades diferenciadas, em que não existe mais “memória total”. Não há mais a exclusividade da memória, sendo que muitas podem ser colocadas em jogo. A disputa se configurou quando, por um lado, o grupo que estava à frente da Arquidiocese incluiu o centenário no calendário da instituição e, por outro, o grupo de ex-auxiliares de Dom Fernando, não satisfeito com a programação apresentada, planejou atividades paralelas. Em face dessa controvérsia, configurou-se dois projetos de memória: um oficial, encaminhado pela Arquidiocese, e outro encabeçado pelo padre Alaor Rodrigues de Aguiar, fiel discípulo de Dom Fernando.

Ao observar a postura dos dois grupos durante as comemorações, evidencia-se que ambos tinham interesses políticos em jogo. Segundo Seixas (2001, p. 42), toda memória é “reconstrução engajada do passado”, impulsionada por interesses políticos, percebendo essa função política em uma dimensão ampliada. Para a autora, memória não é só controle do passado, mas envolve outros aspectos, como a afetividade, destacando-se em ambas o caráter interessado. Ou seja, a memória não apenas aflora o real, mas busca construí-lo sob determinada perspectiva. Nesse sentido, a disputa pelo enquadramento da memória de Dom Fernando tinha o componente político, mas também o emocional. Para Pollack (1992), enquadramento da memória é a forma como a lembrança é registrada para ser consultada no futuro.

Esse contencioso aponta, também, que a memória de Dom Fernando não estava cristalizada, mas se atualizava no tempo por meio de lugares de memória como o centenário. Reportando-nos a Seixas (2001), ao introduzir o passado no presente por meio dos lugares, a memória se atualiza e esse cenário sugere que os dois grupos buscavam um novo enquadramento para a memória de Dom Fernando, tendo em vista legitimar seus projetos no presente e no futuro, deixando transparecer que essa memória continuava sendo importante para a Arquidiocese. Entretanto, sobressaem questões importantes nesse âmbito: qual a importância atribuída a essa memória por cada um desses grupos? Como desejavam que o prelado fosse lembrado a partir desses eventos? Enfim, quais os interesses em jogo durante o centenário e qual o enquadramento que cada grupo concedia a essa memória?

O novo grupo dirigente não desconsiderava a importância de Dom Fernando, ainda que inserindo ajustes nessa memória, tendo em vista adequar sua capacidade de influenciar o presente. Mesmo no interior das mudanças, o centenário foi assumido como uma data relevante, uma vez que se tratava do primeiro arcebispo de Goiânia,

que deixara um legado importante do qual agora se usufruía. Isso nos reporta a um “dever de memória” que, conforme afirma Ricoeur (2007, p. 101), “é o dever de fazer justiça pela lembrança, a um outro que não o si”, ou seja, é uma tarefa que se deve cumprir, é o dever se impondo ao desejo, porque há uma dívida para com o outro.

Nessa ambiência, os ex-auxiliares de Dom Fernando compreenderam os novos paradigmas, mas seguiram evocando a centralidade da memória do prelado, visando perpetuá-la inalterada, como uma “memória viva”. Além de defenderem que essa memória fosse continuamente reatualizada como até então, essa postura definia a própria existência do grupo, tornando-se um elemento constituinte de sua identidade, mantenedor de uma herança valiosa e que não poderia ser minimizada e mesmo esquecida. O “desejo de memória” levava o grupo a se mobilizar não só para recordar o tempo passado, mas para manter essa memória viva, influenciando o tempo presente.

Em virtude disso, a disputa de memória ficou simbolizada particularmente nas fotos selecionadas para compor os cartazes, que se tornaram peça central das campanhas dos dois segmentos. A foto estampada no cartaz do centenário oficial foi obtida na celebração de uma missa de encerramento da Festa de Trindade, que ainda costuma ter o arcebispo como seu celebrante principal (Figura 01). Dom Fernando aparece trajando as vestes litúrgicas e é mostrado no altar, tendo à frente os elementos da liturgia, com destaque para as âmbulas que portam as hóstias consagradas. Não só o rosto é destacado, mas também as mãos, que, erguidas ao alto, mostram Dom Fernando investido na sacralidade do sacerdócio e ungido para officiar os rituais sagrados e dogmáticos da liturgia católica, quadro emoldurado pelo céu azul. O altar está colocado no alto, levando o pastor, numa posição hierarquizada, a olhar para seu rebanho postado abaixo. Essa foto se ancora em uma imagem espiritualizada do arcebispo, como um homem mais voltado à Igreja do que para o mundo em que atua, concepção endossada pelo novo magistério da Arquidiocese.

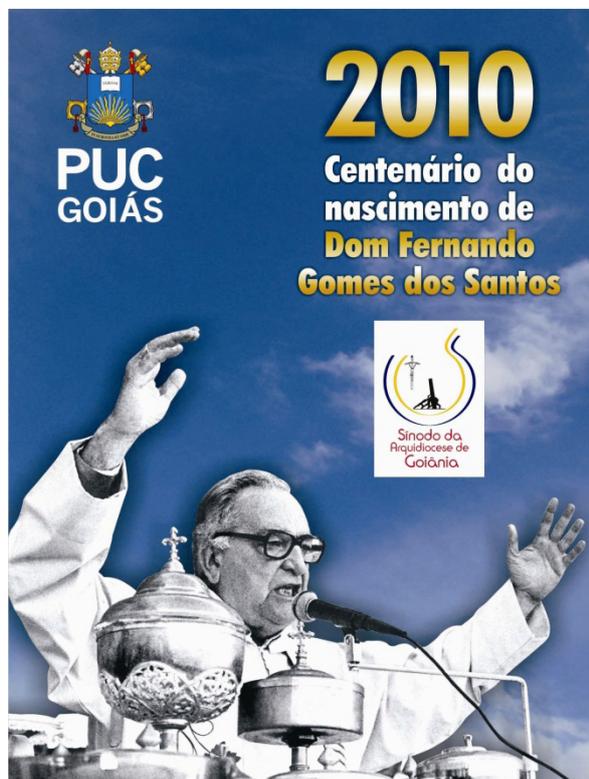


Figura 01: Cartaz oficial do Centenário

A foto escolhida para o cartaz do grupo de ex-auxiliares do prelado mostra Dom Fernando durante entrevista a um semanário local, na qual está posicionado em uma mesa de trabalho, vestindo camisa branca e paletó, tendo atrás de si uma cortina (Figura 02). A foto mostra Dom Fernando em meio corpo, como a anterior, e também privilegia, além da cabeça, seus braços, em que se destaca o relógio, sugerindo a imagem de um homem ligado às questões do seu tempo. O ambiente fechado e o semblante sério do arcebispo sugerem um pastor preocupado em se posicionar sobre a realidade concreta atinente ao seu rebanho. Essa imagem se ancora em um homem mais voltado para o mundo que para o interior da Igreja. É importante assinalar também que essa foto já não evoca poder – como esse grupo representava Dom Fernando desde sua morte – mas reflexão e sofrimento.

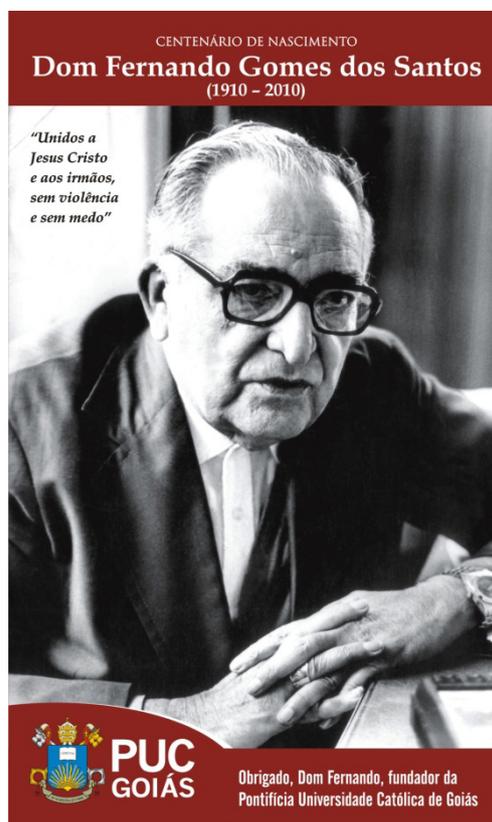


Figura 02: Cartaz não oficial do Centenário

Enquanto uma imagem procura mostrar Dom Fernando mais espiritualizado, um homem de fé e de oração, como deve se postar a hierarquia eclesial, a outra o representa como um arcebispo mais humanizado e preocupado com as questões do seu tempo. Nenhuma delas consegue abarcar Dom Fernando completamente, como homem de fé e de ações concretas, entre tantas outras características possíveis. Como se tratam de representações da realidade, construídas para atender distintos interesses, não conseguem abarcar a complexidade da figura humana do arcebispo pioneiro, mas conseguem transmitir a mensagem subliminar dos segmentos que as escolheram, dentre tantas outras possíveis, como representativas para a efeméride celebrada.

Nesse passo, para os novos dirigentes da Arquidiocese, após as mudanças que introduziram no início da gestão, a memória do prelado não se apresentava mais como central, necessitando apenas de ajustes, visando redefinir o lugar que ocuparia a partir de então. Essa equipe tinha clareza sobre a impossibilidade de banir a memória do prelado, fosse pelo significativo legado deixado, fosse pela diversidade que compõe a Igreja, em que não há unanimidade, existindo pessoas que ainda exigem reverência a essa memória.

Já o grupo de seguidores de Dom Fernando também tinha convicção de que não seria mais possível dar continuidade aos projetos do primeiro arcebispo de Goiânia, pois os tempos eram outros e exigiam distintas abordagens. Contudo, ao não concordarem com as diretrizes da nova gestão arquidiocesana, reforçaram a memória

do prelado como uma forma velada de protesto e de mostrar que se posicionaram por outros encaminhamentos na gestão da memória dessa figura singular.

Nessa perspectiva, o conceito de representação é basilar e, neste texto, será pensado conforme Chartier (1990), como a forma com a qual os grupos classificam a si e aos demais, estabelecendo essas diferenças de maneira a dar sentido ao mundo. Por se estruturarem em um campo de disputas, não são neutras, mas guiadas pelos interesses de grupos, tornando-se necessário identificar a posição dos que as elaboram. Aqui nos orientamos também pelas reflexões de Bakhtin que “define a língua como a expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta” (YAGUELLO, 1990).

## 2 | A RETÓRICA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO

Após essa reflexão inicial, torna-se importante destacar os discursos proferidos durante a comemoração de cada segmento em particular, que serão examinados a partir de documentos e, principalmente, por meio da cobertura realizada pelos veículos de comunicação religiosos. Os veículos de comunicação da Arquidiocese e da PUC/GO cobriram o centenário oficial, enquanto o jornal da Paróquia São Francisco de Assis, editado pelo Padre Alaor de Aguiar, abriu espaço para a equipe que acompanhou Dom Fernando se manifestar, como será destacado na sequência.

### 2.1 O Centenário Oficial

A programação oficial do centenário organizada pela Arquidiocese foi aberta com a tradicional Reunião Mensal de Pastoral e contou com uma palestra conjunta proferida pelo reitor da universidade, Professor Wolmir Amado, e pelo Vigário Geral da Arquidiocese, Monsenhor João Daiber, que discorreram sobre a história de Dom Fernando e sua importância para a Arquidiocese de Goiânia.

Um texto do reitor da PUC/GO no jornal *Brasil Central* aponta as novas posturas da Arquidiocese, no qual afirma que o centenário foi organizado para ressaltar a memória de Dom Fernando que, segundo ele, “é referência imprescindível de nossa memória eclesial” (AMADO, 2010, p. 4i). Suas palavras são emblemáticas ao afirmar que Dom Fernando “soube ser resposta em seu tempo” admitindo que “com a devida hermenêutica”, algumas de suas intuições e práticas ainda “permanecem válidas e atuais”. Isso nos leva a refletir que, para esse grupo, Dom Fernando era uma memória importante, mas circunscrita no tempo. Um texto publicado no jornal editado pelo padre Alaor (AGUIAR, 2010c, p1), ex-auxiliar de Dom Fernando, faz referências à reunião de pastoral, deixando transparecer a percepção de certas limitações: “parabéns pela dedicação e coerência dentro dos limites propostos para este evento”.

Na abertura das solenidades, no dia 1º de junho, foi celebrada missa solene.

Em sua homilia, Dom Washington referenciou a trajetória de Dom Fernando antes de vir para Goiânia, reiterando o compromisso daquele prelado com o mundo da cultura e da educação, desde a fundação de colégios no Nordeste até a criação de várias instituições em Goiânia, entre elas a UCG, hoje PUC/GO. Ao vincular a memória de Dom Fernando aos projetos no campo da educação, esse discurso dava mostras de que Dom Fernando seria lembrado pela Arquidiocese, precipuamente nessa área. Dom Washington o denominou de aguerrido e visionário, afirmando que semeou sementes de esperança e irmanou-se com os mais pobres, estimulando sua organização. Segundo o arcebispo, Dom Fernando foi fiel à palavra de Deus, mencionando também sua prática libertadora e seus confrontos com o regime militar.

Há que se destacar o pequeno comparecimento dos fieis católicos às celebrações na catedral metropolitana, o mesmo ocorrendo com a participação de autoridades na cerimônia. A cobertura da missa do centenário pelos veículos de comunicação da Arquidiocese e seus organismos também chamou atenção pela pequena repercussão, contando apenas com a postagem de fotos da cerimônia no jornal virtual *PUC Notícias* (2010, p.1). Não houve repercussão da missa solene na imprensa local, tornando-se um ato de âmbito interno da Igreja de Goiânia.

O modo como se deu a veiculação dos eventos do centenário pelos veículos de comunicação da Arquidiocese chama atenção para a construção de sentido no texto jornalístico. De acordo com Mouillaud (2002) forma e sentido não podem ser separadas na análise desse tipo de texto, pois ambos se influenciam. A extensão da matéria, sua localização na página, o tamanho da letra e do título, a presença da fotografia, revelam a importância atribuída ao conteúdo pelo jornal.

Enfatizamos a missa do centenário por considerarmos que foi o evento mais carregado de simbolismo de toda a programação, não lembrando, no entanto, os eventos *pós mortem* organizados pelos ex-auxiliares do prelado. Para o grupo que deu continuidade ao projeto do arcebispo, os eventos serviam para atualizar a memória do mesmo, no sentido de que continuasse respaldando o trabalho da Arquidiocese. Contudo, para a equipe que se encontrava no poder no período do centenário essa memória visava respaldar um passado importante, reiterando, entretanto, a centralidade do presente e ações que visavam reforçar a instituição em sua marcha para o futuro.

A programação do dia 15 de outubro sinaliza o desejo de vincular definitivamente a imagem de Dom Fernando à PUC/GO, seja pela relevância da sua iniciativa dando respaldo à consolidação da universidade, seja por enquadrar a memória do arcebispo em um campo mais restrito. A cerimônia foi um evento conjunto em que se comemorava o Centenário de Nascimento de Dom Fernando, os 51 anos de fundação da Universidade Católica de Goiás e um ano de PUC/GO, conforme convite para o evento. O reitor proferiu um breve discurso de abertura, ressaltando que todas as homenagens cabiam em uma moldura maior, que era o centenário de Dom Fernando, lembrando que esta era uma forma de externar o agradecimento ao arcebispo por seu trabalho em prol da universidade. Desse modo, a importância atribuída ao evento conjunto corrobora

a interpretação de que a direção da Arquidiocese pretendia enquadrar a memória de Dom Fernando, sobretudo, como criador da universidade.

Em seu pronunciamento, Dom Washington mencionou Dom Fernando como destacado defensor dos direitos humanos, da liberdade e da justiça, além de precursor de uma Igreja renovada, por vislumbrar uma sociedade mais justa. No entanto, além de exaltar seu antecessor como “pai preocupado, previdente e carinhoso” (CRUZ, 2010), enfatizou que o maior legado de Dom Fernando foi seu amor a Cristo e aos irmãos. Amor que teria se materializado em obras voltadas para atender às necessidades do seu povo, amor que “o cativou e mobilizou toda a sua energia”, amor profético, solidário, terno, convencido, ativo e perseverante (idem, ibidem).

Dom Washington reiterou a importância de recordar os traços nobres herdados de Dom Fernando, afirmando que constituem um “acervo espiritual” para a Arquidiocese e que viver esses valores “é condição para um desenvolvimento fecundo e sem complexos”. E complementa: “quando a sociedade, como um todo, e as pessoas individualmente, desconhecendo sua história, rompem com sua melhor tradição e esquecem sua identidade, ficam condenadas à frustração e ao fracasso” (idem, ibidem). Se a memória de Dom Fernando não ofuscava seus sucessores e tornava-se um patrimônio a ser preservado como referência da Igreja local, tornava-se necessário, no entanto, enquadrá-la em um novo patamar, o de um pai amoroso e diligente com seus filhos.

Em face dessa concepção merece destaque ainda o fato de o jornal *Folha PUC* (2010a, p. 5) ter feito a cobertura desse evento acompanhada de uma matéria sobre a trajetória de Dom Fernando, referindo-se a ele como empreendedor, devido aos inúmeros projetos de sua iniciativa, matéria transcrita no espaço da reitoria, na página da PUC/GO na internet (PUC GOIÁS, 2011).

A última cerimônia da programação do centenário sob encargo da Arquidiocese e da PUC/GO – quando também se comemorava os 51 anos de fundação da universidade – constou da missa solene, realizada na Basílica do Divino Pai Eterno, em Trindade, GO, dia 17 de outubro. Em sua homilia, Dom Washington lembrou os vários acontecimentos então rememorados, com destaque ao centenário de nascimento de Dom Fernando, reiterando-o aos presentes como primeiro arcebispo de Goiânia e fundador da PUC/GO. O arcebispo voltou a se referir a Dom Fernando como aguerrido e visionário, ressaltando sua relação com o mundo da cultura e da educação. Em um discurso voltado para a relação de Dom Fernando com a PUC/GO, Dom Washington enalteceu o antigo prelado pela criação da universidade como espaço de educação qualificada, afirmando tratar-se de uma iniciativa avançada para a época. A cerimônia contou com a presença restrita de lideranças da Arquidiocese e da PUC/GO.

A missa obteve como repercussão apenas uma foto legendada no jornal *Brasil Central* (2010, p. 3i), encerrando o período de comemoração do centenário de nascimento de Dom Fernando. A cobertura do centenário pelos veículos de comunicação da Arquidiocese e seus organismos não se restringiu à divulgação dos

eventos oficiais. O jornal *Brasil Central*, em sua coluna intitulada *Memórias*, lembrou passagens da vida de Dom Fernando e também divulgou curtos depoimentos de religiosos que conviveram com o prelado. Monsenhor João Daiber, Vigário Geral da Arquidiocese, lembrou as qualidades humanas e espirituais do arcebispo e seu diálogo simples com todos os segmentos sociais, enfatizando que Dom Fernando “era o homem que a Igreja de Goiânia precisava para aquela época” (DAIBER, 2010, p. 3i).

O depoimento do pároco da catedral, Monsenhor Luiz Lobo – publicado em parte no *Brasil Central* e na íntegra no jornal coordenado pelo padre Alaor – refere-se a Dom Fernando como “verdadeiro profeta”, lembrando seu pastoreio durante a ditadura militar, defendendo os pobres e os perseguidos políticos, afirmando que “o vigor e a coragem [do arcebispo] vinham de sua vida de fé” (LOBO, 2010, p. 3i). Monsenhor Nelson Rafael Fleury (2010, p. 4i), vigário paroquial da Catedral Metropolitana, lembrou a preocupação de Dom Fernando em congregar os religiosos por meio de retiros e reuniões periódicas. O jornal *Folha PUC* (2010b, p. 20) publicou matéria apresentando parte da biografia de Dom Fernando, ressaltando sua preocupação com a educação, culminando com a criação da PUC/GO e citou também a experiência de reforma agrária possibilitada pelo arcebispo na Fazenda Conceição, de propriedade da Arquidiocese. Sobre a ínfima divulgação do centenário, o Padre Alaor (AGUIAR, 2010b, p. 16) assim se manifestou: “A memória está muito curta e parece que alguns querem que ela fique mais oculta ainda!”

Ao refletirmos sobre o sentido atribuído à memória de Dom Fernando pelo grupo à frente da Arquidiocese sobressai um trabalho de reenquadramento dessa memória. Enquanto o grupo ligado a Dom Fernando, como destacaremos, registrava como digno da memória do arcebispo o período em que ele defendeu os perseguidos políticos e os marginalizados pelas políticas econômicas, os novos encaminhamentos apontavam que a memória do prelado fosse vinculada mais efetivamente à criação da PUC/GO e a um perfil mais solidário e afetuoso. O que estava em jogo eram dois modelos de Igreja, sendo que o novo grupo no comando da Arquidiocese buscava imprimir sua marca, se apropriando da memória do arcebispo em favor do projeto pastoral em vigor na Arquidiocese.

## 2.2 O Centenário Sob A Égide dos Antigos Auxiliares

Enquanto a Arquidiocese detinha a estrutura necessária para a promoção de eventos e os meios internos de comunicação para divulgá-los sob novos parâmetros, os ex-auxiliares de Dom Fernando ancoravam-se basicamente nas lembranças, contando com a divulgação de três encartes no jornal *Comunidade São Francisco de Assis*, da Pastoral da Comunicação da paróquia de mesmo nome, no Bairro São Francisco, cujo pároco era o Padre Alaor Rodrigues de Aguiar. O jornal publicou cerca de quarenta depoimentos em seus números que circularam em janeiro, março e junho;

o primeiro deles inaugurando as comemorações do centenário na Arquidiocese.

Padre Alaor tornou-se o coordenador dessa comemoração paralela porque foi dele a iniciativa de produzir os encartes do jornal e fazer contatos com as pessoas que tiveram proximidade com Dom Fernando, solicitando seus depoimentos. Movido pela emoção, Padre Alaor não escondia seu inconformismo com o que considerava apagamento que a memória de Dom Fernando sofreu na última década e desdobrou-se para manter viva a esperança de que essa memória perdurasse, afirmando sua atualidade:

Com a distância de 25 anos, tenho observado que muitas das impressões fortes da época já se desfizeram ou perderam sua força e até a espiritualidade das lutas e da vibração daqueles momentos de viva esperança. Mesmo assim, tentei animar e comunicar durante o Centenário de Dom Fernando aquilo que conservo de mais vivo na memória e no coração. Ainda tenho rezado para que a memória de Dom Fernando não passe pelo ralo dos acontecimentos. Esta memória foi e é um apelo à conversão dentro e fora das paredes da Igreja. O eco de sua orientação rumo às atitudes evangélicas, ainda nos dias de hoje, pode ser ouvido: “não tenha medo de errar!” (AGUIAR, 2010c, p. 1).

É perceptível que o padre desejava não só criar um lugar de memória (NORA, 1993) cristalizado no tempo, mas trazer de volta o exemplo vivo de Dom Fernando, chegando a se referir não à memória, mas à própria vida do prelado, como no trecho no qual ele registra que “não podemos nos permitir o esvaziamento da vida de Dom Fernando, quando é celebrado o centenário de seu nascimento” (AGUIAR, 2010a, p. 3).

Em razão da iniciativa de reatualizar a atuação de Dom Fernando à frente da Arquidiocese e para referendar a autenticidade e a representatividade dos depoimentos, Padre Alaor (AGUIAR, 2010d, p. 1) assinala que estes foram buscados “na vida de pessoas que beberam na mesma fonte que o Primeiro Arcebispo de Goiânia” e “que acenderam sua tocha no mesmo Espírito Santo de Deus” (idem, ibidem). Segundo o padre, essas testemunhas eram “verdadeiros acervos ambulantes” (idem, p. 3) e a publicação dos textos visava contribuir com as celebrações que, segundo ele, atualizavam a pessoa, a personalidade e a memória viva de Dom Fernando.

Nesse contexto, é importante refletir sobre o que significava para esse grupo lembrar Dom Fernando em seu centenário de nascimento e o que motivava essas pessoas a referendarem a atuação emblemática do arcebispo. Ao observar esses depoimentos percebe-se que foram unânimes em proclamar que Dom Fernando não poderia ser esquecido, revelando, também, um “dever de memória”. Dom Celso (ALMEIDA, 2010, p. 4) chega a afirmar que celebrar o centenário de nascimento do arcebispo “é cumprir um dever de justiça pelo que ele realizou na Igreja do Centro-Oeste”. No entanto, muitos vão além e revelam a esperança de que o centenário pudesse ajudar a Igreja a repensar seus rumos, atualizando essa memória. Ivo Poleto, ex-assessor da Comissão Pastoral da Terra, após lembrar Dom Fernando como um homem ativo e provocador de mudanças, confirma essa perspectiva quase

hagiográfica:

[...] esta celebração tem sentido como nova oportunidade para os que estão reduzindo a mensagem de Jesus às suas escolhas e comodismos reverem suas opções, retomando o caminho da fidelidade ao projeto libertador de Jesus, sempre na perspectiva do Reino, sua grande paixão e utopia. (POLETO, 2010, p. 5)

A mesma concepção movia outro sacerdote, que revelava sua esperança de que a coragem, a firmeza, a autenticidade e a liderança de Dom Fernando servissem de exemplo a todos que tinham “perdido o entusiasmo e o gosto por uma Igreja de opções claras e corajosas em favor dos pobres, dos coisificados deste mundo” (ANTONY, 2010, p. 12). Frei Marcos Sassatelli (2010, p. 7) reiterou: “hoje [Dom Fernando] diria para a Igreja de Goiânia que ela deveria ser mais simples, mais pobre e comprometida com as lutas dos pobres e mais comprometida com os direitos humanos. Que a Igreja de Goiânia seja testemunha da luta pelo Reino de Deus na História”.

Um dos pilares em que se alicerçava a maioria dos depoimentos sobre Dom Fernando era a ideia de que o arcebispo foi um defensor dos pobres e perseguidos e, sobretudo, um profeta que denunciava as injustiças e anunciava o evangelho, além de destacar a sua coragem profética. A afirmação dessa memória era um importante contraponto para o grupo demarcar a diferença entre o modelo de Igreja implantado por Dom Fernando e o modelo em vigor na Arquidiocese.

As lembranças reportam-se prioritariamente ao período posterior a dois marcantes acontecimentos: o Concílio Vaticano II (1962-1965) e o acirramento do regime militar em 1968. Ao elegerem a participação de Dom Fernando nas mudanças da Igreja e no enfrentamento com o regime como principais marcos dessa memória, os depoentes afirmavam que a presença do prelado em Goiás naquele período era fruto da providência divina, endossando a envergadura da sua figura e da sua atuação paradigmática. Segundo palavras do Padre Jesus Flores (2010, p. 7): “Ele foi o homem certo para aquele momento certo. No tempo do Concílio, no tempo da ditadura militar, foi um homem providencial para aquela hora”.

Segundo Ivo Poleto (2010, p. 5), Dom Fernando tornou-se “uma luz levantada na encruzilhada geográfica e cultural” em que havia se transformado o Centro-Oeste do Brasil. Para Dom Pedro Casaldáliga (2010, p. 4), o arcebispo foi o “homem da Igreja”, capaz de tomar decisões e assumir responsabilidades em um momento decisivo para a instituição, para o Brasil e particularmente para o Centro-Oeste, fronteira que desafiava a Igreja exigindo criatividade e profecia: “olhando à distância todo esse itinerário eclesial e civil do Centro-Oeste, a gente não consegue imaginar outra figura que não Dom Fernando”.

Nessa mesma perspectiva, conforme sintetiza o professor Antônio Cappi (2010, p. 9), ao se referir a Dom Fernando, “são as épocas de luta que revelam os grandes homens”. Foi a inserção do arcebispo na história, influenciando os acontecimentos e sendo influenciado por eles, que levou a maioria dos depoentes a considerá-lo, além de homem providencial, como dotado de missão profética. Sob esses parâmetros,

Dom Fernando foi profeta por denunciar as injustiças contra os pobres e perseguidos e por anunciar o evangelho em uma Igreja renovada. Para o professor Joel Ferreira (2010, p.9), o arcebispo foi profeta nos “tempos de chumbo” da ditadura militar, agindo como um esteio de resistência ao regime em Goiás:

Em momento algum, esqueceu-se do “anuncio” do evangelho sendo o pastor e animador desta grande Arquidiocese. Ao mesmo tempo, com coragem “denunciou” ininterruptamente as injustiças em todos os níveis, o desrespeito estrutural aos direitos humanos, as prisões e torturas de cidadãos sendo cristãos ou não. Gritava, como faziam os profetas bíblicos, na defesa dos que não tinham voz e espaço.

O compromisso de Dom Fernando com a causa dos pobres e da justiça social foi ressaltado por vários depoentes. Segundo Frei Marcos Sassatelli (2010, p. 7), a prática de Dom Fernando “era uma forma de concretizar as lutas da Igreja viva no meio do povo de Deus”, apoiando os mais pobres, as lutas dos trabalhadores, os direitos humanos, as Comunidades Eclesiais de Base, o protagonismo dos leigos, entre outras iniciativas.

Para Ivo Poletto (2010, p. 5), o “grito profético” de Dom Fernando “foi sempre no sentido de ‘não ter medo’ e de construir verdadeira comunidade eclesial a serviço da causa de Jesus”. O que sobressai desses depoimentos é sempre a reiteração da coragem de Dom Fernando, como uma das virtudes mais destacadas, principalmente a coragem de falar a verdade que, segundo alguns, teria proporcionado ao arcebispo muitas amizades, mas também muitas incompreensões e afastamentos. “Não ter medo de errar” foi uma frase muito citada como um dos principais ensinamentos para quem conviveu com o prelado.

Ao compararmos as duas comemorações – da Arquidiocese e dos ex-auxiliares de Dom Fernando, observamos que as representações de ambos os grupos são marcadas pelo esquecimento daquilo que não interessa lembrar, daquilo que não se mostra como relevante para os mesmos. Toda lembrança é marcada pelo esquecimento como sua outra face e enquanto uma se ilumina a outra permanece ofuscada. Os ex-auxiliares de Dom Fernando reforçam a imagem do antigo arcebispo como homem de coragem profética, que lutou ao lado dos pobres e perseguidos políticos, coerente com o modelo de Igreja privilegiado após o Concílio Vaticano II, como se a vida sacerdotal de Dom Fernando tivesse tido início nesse período. O outro grupo também se reporta a essa prática, mas procura restringi-la no tempo, destacando outros feitos do arcebispo, desejando redefini-lo como um empreendedor, de modo particular, como o fundador da UCG, atual PUC/GO.

A atuação marcante de Dom Fernando como primeiro arcebispo de Goiânia marcou profundamente seu entorno. Clérigos e leigos que o acompanharam relembram com fervor o período em que ele esteve à frente da Arquidiocese com uma contribuição exemplar. Sua ação extrapolou os limites da própria instituição religiosa e se espalhou em distintos âmbitos, tornando-o uma referência regional e nacional, para além da Igreja, sempre engajado nas causas sociais, sob a égide do Concílio que mudou a

face da Igreja a partir dos anos 1960. Certamente o carisma de que ele era dotado contribuiu para a construção e perpetuação da sua imagem, que permaneceu arraigada, sobretudo na memória local mesmo após a sua morte, com sua substituição por Dom Antônio. Essa trajetória começou a ser menos referendada a partir da substituição de Dom Antônio, em novos encaminhamentos que, entretanto, não minimizam esse período emblemático com Dom Fernando à frente da Igreja em Goiânia.

A comemoração do seu centenário, aqui problematizada, mostra essa etapa e a disputa que se travou em torno da memória do arcebispo. Certamente para aqueles que com ele conviveram seu lugar deveria permanecer como pedra angular das ações arquidiocesanas. Entretanto, as mudanças são naturais e as pessoas que assumiram a linha de frente com o atual arcebispo se fundamentam em seus próprios projetos e nesses encaminhamentos reposicionaram a atuação de Dom Fernando em novo patamar. Evidentemente que os novos encaminhamentos desapontaram seus seguidores mais fiéis e os depoimentos colhidos para os registros publicados nas comemorações não oficiais demonstram essas inquietações. Como a memória é seletiva a impossibilidade de conciliar distintas perspectivas é evidente também nesse caso e o exercício de reflexão que aqui se procedeu buscou registrar esse paradoxo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Pe. Alaor Rodrigues de. Centenário de nascimento de Dom Fernando Gomes. **Comunidade São Francisco de Assis**. Goiânia, n.6, p.3, mar. 2010a.

\_\_\_\_\_. Centenário do Nascimento de Dom Fernando Gomes dos Santos na Arquidiocese de Goiânia. **Comunidade São Francisco de Assis**. Goiânia, n. 7, p. 16, jun. 2010b.

\_\_\_\_\_. Martírio e herança espiritual de Dom Fernando. **Comunidade São Francisco de Assis**, Goiânia, n. 7, p. 1, jun. 2010c, p. 1.

\_\_\_\_\_. Centenário de Dom Fernando Gomes dos Santos. **Comunidade São Francisco de Assis**, Goiânia, n.5, p.1, 2010d.

ALMEIDA, Dom Celso Pereira. Celebrar o centenário é cumprir o dever de justiça para com o primeiro arcebispo de Goiânia. **Comunidade São Francisco de Assis**, Goiânia, n. 6, p. 4, mar. 2010.

AMADO, Wolmir Therezio. Centenário de Dom Fernando. **Brasil Central**, Goiânia, n. 508, p. 4i, março de 2010.

ANTONY, Thomas Joseph. Entrevista. **Comunidade São Francisco de Assis**, Goiânia, n. 5, p. 12, jan. 2010.

BRASIL CENTRAL. Em Brasília. **Brasil Central**, Goiânia, n. 507, p. 3i, fev. 2010.

CAPPI, Antônio. Dom Fernando: reconhecimento e depoimento. **Comunidade São Francisco de Assis**, Goiânia, n. 6, p. 9, mar. 2010.

CASALDÁLIGA, Dom Pedro. Dom Fernando: pai da pátria e patriarca da Igreja. **Comunidade São**

**Francisco de Assis**, Goiânia, n. 6, p. 4, mar. 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRUZ, Dom Washington. Dom Washington destaca trabalho social de Dom Fernando ao lembrar o centenário de seu nascimento. **Católica-Reitoria**, Goiânia, 19/10/2010. Disponível em: [http://www.pucgoias.edu.br/ucg/reitoria/home/secao.asp?id\\_secao=2901](http://www.pucgoias.edu.br/ucg/reitoria/home/secao.asp?id_secao=2901). Acesso em: 19/10/2010.

DAIBER, Mons. João. Depoimentos sobre Dom Fernando. **Brasil Central**, Goiânia, n. 511, p. 3i, jun. 2010.

DUFFY, Eamon. **Santos & Pecadores**: história dos Papas. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

FERREIRA, Joel Antônio. Entrevista. **Comunidade São Francisco de Assis**, Goiânia, n. 5, p. 9, jan. 2010.

FLEURY, Nelson Rafael. Chegada de Dom Fernando a Goiânia. **Brasil Central**, Goiânia, n. 511, p. 4i, jun. 2010.

FLORES, Padre Jesus. Entrevista. **Comunidade São Francisco da Assis**, Goiânia, n. 5, p. 7, jan. 2010.

FOLHA PUC. Centenário de nascimento de Dom Fernando, fundador da SGC e da UCG. **Folha PUC**, Goiânia, n. 481, p. 5, abril de 2010a.

\_\_\_\_\_. Dom Fernando Gomes dos Santos: vocação e coragem para semear. **Folha PUC**, Goiânia, n. 485, p. 20, ago. 2010b.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Catolicismo - a configuração da memória. **Revista de Estudos da Religião** (REVER), PUC/SP, n. 2, Ano 5, p. 87-107, 2005.

LOBO, Mons. Luiz. Depoimentos sobre Dom Fernando. **Brasil Central**, Goiânia, n. 511, p. 3i, jun. 2010.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Ed. da UnB, 2002. p. 29-35.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. In: **Projeto História**. Revista de estudos Pós-Graduados em História do departamento de História da PUC de São Paulo, v. 10, p. 07-28, 1993.

POLETO, Ivo. Entrevista. **Comunidade São Francisco de Assis**, Goiânia, n. 6, p. 5, mar. 2010.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PUC GOIÁS comemora seus 51 anos e o centenário do nascimento de Dom Fernando. **Católica-Reitoria**, Goiânia, 15/10/2010. Disponível em: [http://www.pucgoias.edu.br/ucg/reitoria/home/secao.asp?id\\_secao=2897](http://www.pucgoias.edu.br/ucg/reitoria/home/secao.asp?id_secao=2897). Acesso em: 9/1/2011.

PUC NOTÍCIAS. Missa de centenário de nascimentos de Dom Fernando. **PUC Notícias**, p.1, 2 de junho de 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SASSATELLI, Frei Marcos. Entrevista. **Comunidade São Francisco de Assis**, Goiânia, n. 5, p. 7, jan. 2010.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

YAGUELLO, Marina. Introdução. In: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**DENISE PEREIRA** Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-282-1

